

DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v10i2.237>

## INCLUSÃO - PSICOLOGIA E PSICOPEDAGOGIA: quando o diagnóstico não interfere no planejamento - um estudo de caso

Cíntia Miranda Machado de Oliveira<sup>1</sup>, Patrícia Ana Neumann<sup>2</sup>,  
Sinara da Silva Emmel<sup>3</sup>

Felipe<sup>4</sup> é um menino que estuda na IENH desde o ano de 2015, ingressou com 5 anos de idade. Tem uma história de vida cheia de segredos familiares, e o que se sabe é que foi adotado por uma família que não desejava a adoção, mas por circunstâncias da vida acolheu-o como filho. Já mudou de sobrenome e não tem uma história clara sobre seus antepassados.

Na caminhada escolar, está atualmente no sétimo ano do Ensino Fundamental e ingressou na escola na Educação Infantil. Acompanhado por profissionais, tem atendimentos com psicóloga, psiquiatra e psicopedagoga. Na escola, além de ser avaliado como aluno de inclusão, faz atendimentos na sala de recursos multifuncionais.

Quanto à aprendizagem, Felipe tem facilidade em algumas disciplinas de que gosta muito, como ciências, geografia e história, mas apresenta dificuldade em outras áreas. Tem dias que está disposto e realiza as atividades e em outros não as faz. Tem uma boa relação com os colegas. Nas séries iniciais apresentava um comportamento mais agressivo, mas com a chegada da adolescência esse jeito de se relacionar foi mudando. É muito divertido e tem pensamento rápido quando conversa sobre mundo e atualidades.

Os professores têm uma relação de afeto com Felipe e ele se sente tranquilo na escola. Sabe-se que em casa gosta de jogos digitais e assiste a filmes diversos, inclusive os não recomendados para a idade, o que faz com que traga assuntos não adequados para a faixa etária.

Quanto ao diagnóstico de Felipe, não sabemos. Os profissionais que o acompanham não determinaram nenhum quadro específico, mas percebe-se um atraso no desenvolvimento cognitivo.

Colocar Felipe como protagonista da sua aprendizagem exige um olhar atento diante do que se é proposto em sala de aula, pois ele é motivado a participar ativamente, expressando suas ideias, buscando informações e criando hipóteses, para que possamos ter uma relação de parceria e de troca. Diante disso, inserir o aluno no centro dos processos

<sup>1</sup> Psicopedagoga Especialista em Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva. Coordenadora Pedagógica de Educação Infantil da Unidade Pindorama e docente de AEE - IENH – E-mail: [cintia.m@ienh.com.br](mailto:cintia.m@ienh.com.br)

<sup>2</sup> Psicóloga Especialista em Psicologia Escolar e Educacional e docente da Fundação Evangélica - IENH – E-mail: [patricia.n@ienh.com.br](mailto:patricia.n@ienh.com.br)

<sup>3</sup> Coordenadora pedagógica no Colégio Sinodal do Salvador - Porto Alegre. Mestre em Educação pela UNISINOS. E-mail: [sinara.semmel@gmail.com](mailto:sinara.semmel@gmail.com)

<sup>4</sup> Nome fictício para proteção de dados

educacionais é um desafio para os professores, pois trata-se de um sujeito que compreende que seu conhecimento depende dele mesmo.

Felipe iniciou na Sala de Recursos Multifuncionais no ano de 2019, seus Atendimentos Educacionais Especializados ocorrem uma vez por semana, com a duração de um período, com a principal intenção de fortalecer as potencialidades do aluno e auxiliá-lo em suas dificuldades.

Conforme as autoras Pimentel e Nascimento (2016, p.105), “a proposta da educação inclusiva é fundamentada na filosofia da escola que aceita e reconhece a diversidade, tendo seu princípio pautado na busca da educação de qualidade para todos”.

Desenvolver sua flexibilidade cognitiva também faz parte das propostas realizadas nos atendimentos, no qual o estudante tem sido aliado na construção do conhecimento. Ele próprio é quem encontra a melhor forma para obter as informações, fortalecendo seu processo de aprendizagem autônoma que conta, sobretudo, com a ajuda da tecnologia. Essa ferramenta possibilitou reconhecer suas características pessoais e de desenvolvimento, para construir diferentes estratégias pedagógicas de acordo com sua especificidade, dando sustentação à sua condição de inclusão escolar.

De acordo com Silva (2006, p. 202),

Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo).

A rede de apoio da IENH incentiva Felipe a buscar o seu conhecimento, fornecendo as condições necessárias e sendo a base para a construção dos seus saberes em sua trajetória. O processo de inclusão, dessa forma, compõe o desenvolvimento das habilidades essenciais em sua individualidade, através do conjunto de experiências, normas, práticas e vivências que expressam o viver do cotidiano da escola, fortalecendo o aluno e a cultura escolar.

**Palavras-chave:** Inclusão. Diagnóstico. Acolhimento.

## REFERÊNCIAS

PIMENTEL, S. C.; NASCIMENTO, L. J. A construção da cultura inclusiva na escola regular: uma ação articulada pela equipe gestora. **EccoS - Revista Científica**, São Paulo, n.39, p. 101-114, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3841/3175>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SILVA, F. C. T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/w6kJ5hdSGVRnhRWTVP68D3P/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.

**Recebido em: 21/11/2022**

**Aceito em: 21/11/2022**